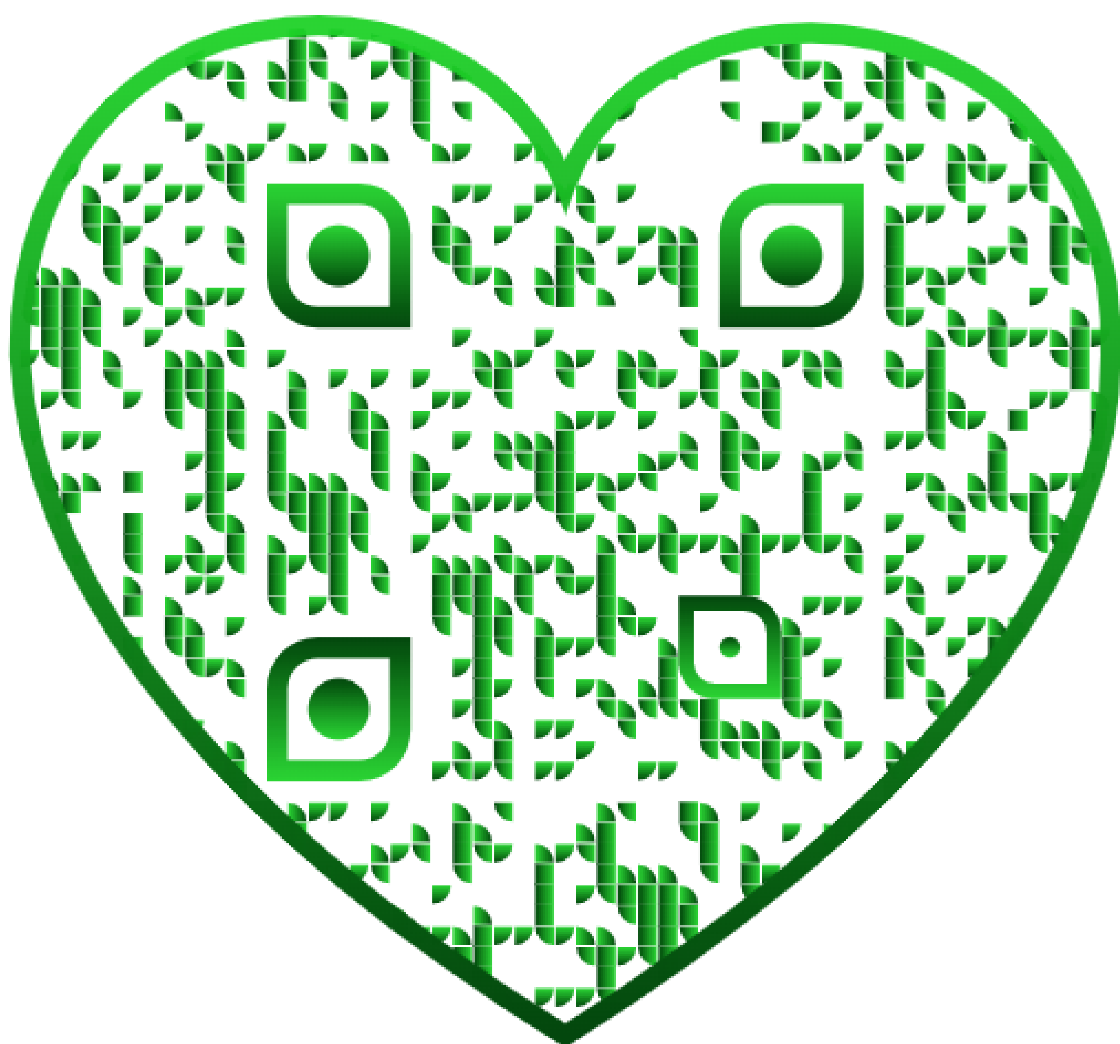
JOSEPH MALAM

O LIVRO E O SELO





O LIVRO E O SELO

Vivia cercado por estantes e mais estantes de livros. Tratava-se, na verdade, de um labirinto, onde cada prateleira guardava a chave para uma porta distinta, que se abria para um mundo rico e peculiar.

Não se lembrava de haver habitado lugar diferente. Ali, aprendera quase tudo que sabia. Respirava o hálito dos livros antigos, que traziam consigo a alma de homens sábios que partiram há tempos imemoriais. Ainda que vivesse por toda a eternidade, não seria capaz de ler cada um dos milhares de volumes que davam forma às paredes e corredores daquele enorme salão.

Um dos livros que lera o arrebatou por um universo onírico habitado por seres mágicos de profunda sabedoria. O livro pesava tanto, que teve que pousá-lo sobre o chão frio. Com esforço, conseguiu virar a pesada capa costurada em couro. A primeira página vinha envolta em marginálias que lembravam a fauna de um mundo e um tempo onde não havia lugar para dúvidas ou hesitação. Uma vez naquela vereda, a única saída era seguir sempre em frente, sem tropeçar nas metáforas, que se abriam como enormes pálpebras a revelarem olhos de deuses traiçoeiros e invejosos.

De súbito, viu-se em uma praia deserta, sob a luz de uma lua cheia que prateava tudo ao redor. Do outro lado, uma mata fechada, de onde vinham os ecos de dores e lamentos em uma língua ancestral. Diante de si, um mar calmo e repleto de surpresas e segredos desagradáveis. Chegou a cogitar entrar na água aparentemente tranquila e tépida, mas mudou de ideia ao ver o vulto de uma enorme serpente que se enrolava em surdina espera. Voltou-se, então, em direção à mata que o aguardava. Não havia trilha ou caminho. Teve que se esgueirar entre arbustos e árvores, sentindo sua carne dilacerar-se nos espinhos que furavam e cortavam como facas afiadas. Ouvia urros, grunhidos, gemidos e ranger de dentes. No breu total, onde a luz da lua não alcançava, sentiu-se parte da mata. Os gritos e lamúria que reverberavam nos átrios de sua consciência, despertando nele também lembranças e recordações, desencavando ossos e tesouros de vagos sentimentos e emoções desbotados pelas águas do tempo.

Finalmente, chegou a uma enorme clareira, no centro da qual ardia uma fogueira feita de ossos. O odor do fogo fátuo que dali emanava invadia suas entranhas como os tentáculos de um ser bestial. Caiu de joelhos diante do sinistro altar. Olhou ao redor, para as árvores que fechavam o círculo em torno da chama, e divisou inúmeros olhos que o vigiavam entre as ramagens, brilhando como contas de fogo. Os gemidos, urros, lamúrias e ranger de dentes cessaram em apreensiva expectativa.

Proferiu em prece as palavras ancestrais que aprendera em outros livros secretos. A chama aumentou de tamanho. Agora, não era apenas a fogueira que ardia, mas toda a floresta. No mundo de trevas de súbito transformado em um mar de luz, ele caminhou com passos decididos, em direção a uma montanha que repousava incólume a distância. Subiu pelo caminho pedregoso que serpenteava, dando inúmeras voltas em torno do monte. Em determinado ponto da escalada, voltou-se e viu que a floresta que antes ardia não passava de um minúsculo ponto luminoso na imensidão, como uma estrela solitária em um universo vazio e sombrio.

Depois de várias luas e sóis, alcançou o cume da montanha, sobre o qual havia um enorme monolito feito de um metal até então desconhecido de todos. Havia inúmeras inscrições hieroglíficas que narravam seu percurso até aquele ponto. Tomado por algum impulso inexplicável, pousou a mão espalmada sobre um símbolo que formava um círculo entrecortado por quatro linhas que formavam ângulos retos idênticos em cada um dos vértices. Um dos lados do monolito se abriu. Ele entrou.

Desceu por uma escadaria sombria e estreita. Contou cinco mil, quinhentos e cinquenta e seis degraus até alcançar um enorme salão quadrangular, iluminado por quatro tochas que pendiam das paredes rochosas. No centro do salão, havia duas enormes colunas de mármore, que formavam um portal. Posicionou-se em um ponto equidistante entre os dois monumentais pilares, olhando diretamente a escadaria que levava a um trono, diante do qual havia um púlpito, coberto por uma toalha que trazia as armas e o escudo de seus ancestrais.

Ajoelhando-se, proferiu a palavra que era a senha para a ascensão ao altar. As chamas que emanavam das quatro tochas aumentaram em tamanho e luminosidade. Agora, já era possível divisar um martelo de ouro que repousava sobre o púlpito. Ao se erguer, sentiu o peso da armadura e do elmo de aço que protegiam sua carcaça humana. Subiu, com dificuldade, os trinta e três degraus até o enorme trono. Assumiu o seu lugar de direito e avistou o enorme livro de

capa de couro, ao lado do martelo de ouro. Apanhou nas mãos a espessa obra que, agora, não mais pesava, mas era leve como um pluma. Ao tentar abri-lo, porém, não conseguiu, pois um selo vermelho feito de uma resina endurecida vedava a capa e a contracapa. Lembrou-se do martelo. Rompeu o selo do livro sagrado.

Subitamente, as chamas das quatro tochas se apagaram e ele voltou a ficar na escuridão. Sem nada temer, apenas aguardou, em silêncio, assentado em seu trono.

Não pôde precisar quantas luas ou sóis passaram até que surgiram duas contas de fogo no meio do grande salão às escuras diante de si. Eram os olhos do eremita que tudo via e nada falava. O homem dobrou um dos joelhos, apoiou o rosto sobre as mãos que seguravam o cabo de sua espada de prata e aguardou. Ele desceu de seu trono, postando-se diante do ser cujos olhos brilhavam na escuridão. Ergueu o braço direito e alcançou a espada que trazia presa às costas. Fez sobre o ser o sinal sagrado, tocando com a ponta da lâmina seu ombro esquerdo, o topo da cabeça e o ombro direito. O ser ergueu-se, levou as mãos unidas junto ao peito e se retirou, caminhando de costas, olhando para o chão em sinal de reverência.

Voltou a ocupar seu lugar ao trono. De lá, viu chegarem e partirem doze guerreiros, nobres cavaleiros, que partiram em uma missão incerta nos confins do Oriente, em busca do segredo guardado nas entranhas das ruínas de um templo antigo.

Depois de um longo intervalo, cada um dos cavaleiros retornaram trazendo toda sorte de alvissareiras novas e prendas: joias, pedras preciosas, ornamentos, armas, escudos, cálices e candelabros de ouro. Tornou-se um homem rico e poderoso, porém mergulhado em profundo isolamento num reino de parca luz.

Por mais que tivesse consciência do peso de seu exílio e abandono, sentia que não poderia sair daquele mundo sem antes ler, até a última e derradeira palavra, o grosso livro de capa preta.

Então, pôs-se a decifrar cada frase e parágrafo daquele enredo misterioso repleto de surpresas e segredos desagradáveis. Ao alcançar a última letra, o aleph, que selava o fim, pôde dar por terminada sua missão. Adormeceu.

Quando despertou, estava de volta na imensa biblioteca, cercado por milhares de volumes que davam forma às paredes e corredores daquele labirinto, cujas janelas e portas se ocultavam nas páginas que repousavam nas estantes. Ergueu,

com enorme dificuldade, o livro de capa preta, e o colocou de volta no espaço vago deixado na prateleira.

A cada leitura, uma viagem. A cada viagem, uma descoberta. Percebeu, então, que aqueles livros adormecidos eram, na verdade, velas de uma embarcação que necessitavam dos ventos dos seus olhos para se encherem e singrarem os mares do desconhecido.

Ao lado do pesado livro de capa de couro, viu um volume cuja lombada trazia uma cruz de malta em baixo relevo. Ao retirá-lo da prateleira, surpreendeu-se com a leveza do espesso livro, cujas páginas se abriam ao sabor de uma brisa que ele nunca vira antes soprar naquele labirinto. Teve dificuldades em segurar as páginas que dançavam de um lado ao outro. Colocou o livro sobre uma mesa e pousou sobre a primeira página um pequeno peso de papel. Punha o peso sobre cada página que virava.

O livro falava de azorragues que castigavam as velas de uma embarcação perdida na fúria implacável de vagalhões que varriam o convés. O capitão da nau desgovernada, junto ao tombadilho, erguia os olhos aos céus riscados por raios e lançava vitupérios contra aquilo que julgava ser um deus impiedoso e injusto. Boa parte da tripulação havia sucumbido, engolfada por ondas em um redemoinho sem fim. Sua última visão foi uma parede de água que sepultou de vez a embarcação, reduzindo-a a escombros.

No dia seguinte à tempestade, o mar, antes bravio, e agora transformado em um imenso tapete azul, embalava uma prancha de madeira sobre a qual jazia o corpo inerte do capitão. Quando despertou desse plácido berço, divisou, ao longe, uma ilha. Se tivesse forças para remar até ela, sobreviveria à catástrofe que se abatera sobre sua vida. Seus braços fatigados e seus pulmões ainda repletos de água salgada eram inúteis para a tarefa que se lhe apresentava. Não havia como remar ou nadar. Decidiu, então, apenas entregar seu corpo à sorte que o destino lhe reservava. Se bons ventos e correnteza o levassem até a praia a distância, seria eternamente grato Àquele que antes amaldiçoara.

Quando deu por si, viu-se em uma praia deserta, sob a luz de uma lua cheia que prateava tudo ao redor. Do outro lado, uma mata fechada, de onde vinham os ecos de dores e lamentos em uma língua ancestral. Adiante, um mar calmo e repleto de surpresas e segredos desagradáveis. Chegou a cogitar entrar na água aparentemente tranquila e tépida, mas mudou de ideia ao ver o vulto de uma enorme serpente que se enrolava em surdina espera. Voltou-se, então, em direção à mata que o aguardava.

Porém, ao dar os primeiros passos vacilantes, lembrou-se de que já havia estado naquele local e circunstância. Não era preciso esgueirar-se entre os arbustos espinhosos para saber o que o esperava. A única saída era romper o selo do livro mais uma vez. Pensando nisso, e nos infindáveis anos de abandono e perdição armazenados nas prateleiras do seu destino, deixou-se cair de joelhos sobre a areia fina da praia deserta. Sim, habitava um labirinto, onde cada prateleira guardava a chave para uma porta distinta, que se abria para um mundo rico e peculiar.